



ESPIRITUALIDADE DO VIVER NA ESPERANÇA

2023-2023

0.- Índice(s) do Curso

0.1.-Temas gerais:

- 1.- A Esperança: algo do passado?
- 2.- A Esperança: inexistente no presente?
- 3.- A Esperança: só focada no futuro?
- 4.- A Esperança na missão da Igreja
- 5.- A alegria: a Esperança respirada no amor.

0.2.- Temas Inseridos numa distribuição pedagógica:

- 1.- A Esperança no Antigo Testamento.
- 2.- A Esperança no Novo Testamento.
- 3.- A Esperança na Patrística.
- 4.- Noções de: “virtude” / “virtudes” e “virtudes teológicas”.
- 5.- A Esperança na vida espiritual do crente diante do Deus-Trindade e os demais.
- 6.- A Esperança no concreto da vida espiritual.
- 7.- A Esperança na Encíclica “*Spe Salvi*”.

1.- A ESPERANÇA NO AT

No AT, a esperança nasce da experiência de Deus. Nesta inter-relação Deus-homem se desvela ao ser humano – o que é o mesmo –, o que pode vir a ser, as possibilidades com que pode contar e o que Deus lhe garante, em suma, o que pode esperar do amor de Deus: ser como Deus, mas não Deus.

O Antigo Testamento tem várias tradições em que diferentes imagens e conceitos tomaram forma para exprimir a experiência das possibilidades que a experiência de Deus abre.

A experiência fundamental de Israel pode ser sintetizada, através das formulações mais predominantes nesta cultura, como considerando a própria existência do povo como um povo que caminha para situações novas sob as realidades

- das promessas,
- dá aliança,
- e a orientação de Deus.

Desta forma o povo de Israel viverá da esperança na esperança e os autores do AT conceberão os inícios de Israel sobre o cenário dos conteúdos da esperança em forma de promessas sucessivas:

- promessa de descendência a Abraão (cf. *Gn.* 13,16),
- da a nação (cf. *Gn.* 12,2),
- dá a terra (cf. *Gn.* 12,7),
- entrar no âmago das experiências religiosas decisivas da libertação do Egito (cf. *Ex.* 3,7s.).

Posteriormente, a esperança será relacionada com as promessas davídicas lidas como promessas messiânicas.

Note-se também que o AT não fala da esperança apenas em sentido positivo, mas também em sentido negativo, condenando as falsas esperanças, que se baseiam em motivos que não são a confiança em Deus e que formam ídolos aos quais damos força para nos dominarem. Em suma, o fundamento da esperança deve ser Deus e nada de material.

- materiais (dinheiro, força militar, amigos),
- psicológico (em si mesmo),
- nem mesmo espiritual (cf. *Ez.* 33,13) ou pseudo-espiritual, como a posse de amuletos ou de preceitos religiosos não inspirados por Deus.

Como vemos, a esperança no AT está envolta em incertezas, porque pode realizar-se ou não, consoante se baseie em Deus ou noutras realidades, mas, em todo o caso, a esperança amorosa em Deus é a característica fundamental do justo, que, por sua vez, se baseia em vários aspetos:

- a onipotência divina,
- a misericórdia divina,
- a fidelidade de Deus às suas promessas.

Assim, Deus ensinou Israel a começar a esperar n'Ele, dando-lhe pequenas esperanças alimentadas por promessas que se foram cumprindo até se tornar capaz de esperar só em Deus. Por outras palavras: a esperança de Israel dirige-se para o futuro histórico no meio de um horizonte que se

alarga sempre mais, até que todos os povos e todo o cosmos sejam atingidos no meio de novas e surpreendentes manifestações do amor divino.

Ou seja: o AT dirige o homem hacia Dios mesmo, pero lo hace con una pedagogía que va poco a poco llevando o ser humano:

- do terreno (algo característico dos estratos mais antigos da oração: velhice, prosperidade, descendência, etc.),
- para o espiritual (perdão dos pecados, bênção, misericórdia, ajuda, juízo justo, salvação, etc.),
- e até ao eterno (neste caso, Deus e a vida com Ele), recuperando o acontecimento-chave de Israel: a libertação compassiva de Deus do Egito: «eu estarei no meio de vós, como Aquele que estará no meio de vós» (cf. *Ex.* 3,14).

Outro aspeto que é essencial reiterar a partir de agora, porque deve ser uma característica da esperança cristã, é que a esperança de Israel une o aspeto coletivo e o individual: o homem do Antigo Testamento não se situa apenas perante a sua salvação pessoal, mas sabe que faz parte de um povo que é destinatário de promessas que afetam toda a criação, especialmente, e segundo a mensagem profética, «o resto» (*Ex* 3,14).

2.- A ESPERANÇA NO NT

Na maior parte dos escritos do NT, a esperança não é designada por um termo especial, mas identificada com o ser cristão e ligada ao amor e à fé.

A categoria central das expectativas e esperanças no tempo de Jesus era a do Reino de Deus. Mas os conteúdos eram diferentes consoante os anunciadores:

- reino da lei perfeitamente cumprida (fariseus),
- reino do puro e do espiritual (essénios),
- reino nacional de Israel livre dos romanos (proto-zelotas),
- reino do culto e do templo (sacerdotes).

Jesus pregará um Reino de Deus que é uma “boa notícia” porque Deus está com o homem, rompendo com a separação entre “bons” e “maus”. As parábolas sublinham tanto a mistura entre estes “bons” e “maus” como a misericórdia de Deus para com todos:

- Jesus resiste à regionalização do Reino de Deus,
- o homem não possui o Reino de Deus nem dispõe dele, mas tem-no apenas como herança através de Jesus Cristo, que já lhe dá esta herança como uma antecipação através do Espírito Santo,
- já está presente neste mundo, mas não se identifica com nada e tem também um carácter futuro,

- não funciona com a lógica do poder e da força dos reinos deste mundo,
- os pequenos e simples, os pobres, têm aí um lugar privilegiado.

A esperança é, portanto, uma dimensão necessária do Reino de Deus. Quem não tem esperança não compreende o que é o Reino de Deus. Mas as palavras, as ações e as recusas de Jesus deixam claro que não é qualquer esperança que é cristã, mas a esperança que tem os pobres como critério.

O Reino de Deus como realidade que exprime as esperanças de Jesus tornou-se ainda mais claro depois da Sua morte e ressurreição por amor a nós. Daqui decorre que o próprio Jesus Cristo, histórico e glorificado, passa a ser o fundamento da nossa esperança enquanto cristãos.

Mais: o Seu eterno presente é onde deve estar o nosso presente e o nosso futuro, abrindo-nos a possibilidades de amor que para nós eram desconhecidas e inimagináveis. A esperança cristã adquire assim alguns traços característicos:

- o fim último da esperança cristã é Deus e conhecê-lo como Amor, é “estar para sempre com Jesus” já presente no presente, mas só para ser vivido em plenitude no futuro, depois da morte,
- por outras palavras, a esperança já não é a felicidade ou a liberdade, mas a perfeição espiritual no amor, que só será plenamente alcançada no encontro definitivo com Deus e com os outros no além,
- já não se esperam apenas as promessas divinas, mas o seu cumprimento desde a Encarnação até ao Pentecostes,
- a abertura à exceção mantém-se através da abertura à manifestação final da vinda contínua do Senhor. [cf.: *Mc.* 14,61-62 e *Dn.* 7,13, que mostram que o “vir sobre as nuvens” não é em direção à Terra, mas ao Céu].
- mantém a dimensão social e comunitária: na comunidade unida a Cristo, o crente participa de uma promessa nova e maior: “Cristo em vós, esperança da glória” (cf. *Cl.* 1,27).
- a promessa de Cristo, que é a esperança da glória, exige que o crente preste contas do fundamento da sua esperança diante do mundo inteiro (cf. *IPd.* 3,15). O portador desta promessa e desta “razão” é a comunidade, a nova aliança, a Igreja, mas ao Deus-Amor sempre maior dá a sua proximidade em resposta ao Seu dom gratuito.

3.- A ESPERANÇA NA PATRÍSTICA

Neste período a Esperança é entendida sobretudo como a Virtude cristã da confiança em Deus, especialmente em relação ao futuro. Pouco

depois da crucificação de Jesus, dois discípulos comentam: «Mas nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir Israel» (*Lc.* 24,21). Referiam-se ao que é comumente designado por “esperança messiânica”, a expectativa de longa data de que Deus enviaria o seu Messias ou “ungido” para restaurar a monarquia davídica, expulsar os exércitos estrangeiros ocupantes e restabelecer a glória de Israel.

Quando os seguidores de Jesus O identificaram como o Messias ou Cristo, parece que essa identificação não incluía a eventualidade do sofrimento e da morte de Jesus. A experiência subsequente da Sua paixão e ressurreição alterou radicalmente estas expectativas iniciais: a antecipação de um Messias político foi substituída pela convicção de que Jesus Cristo era, de facto, o agente de Deus – e inclusive o Filho único de Deus – enviado para oferecer a salvação do pecado e da morte; isto é, de nos libertar de nosso egoísmo. Assim, “esperança” assumiu um significado especificamente salvífico.

Inicialmente, acreditava-se que um evento cósmico ocorreria enquanto a maioria dos cristãos da primeira geração ainda estivesse viva. No entanto, o atraso da tão esperada segunda vinda alterou a natureza da esperança cristã tão radicalmente como a morte de Jesus tinha alterado a compreensão que os discípulos haviam tido da messianidade de Jesus. A tensão entre o “agora” verdadeiro e o “vindouro” pleno estava destinada a aumentar.

Nas gerações seguintes, à medida que a esperança de um fim iminente foi diminuindo, sobreviveu ainda a esperança de que, na morte e ressurreição de Jesus, Deus tinha atuado de forma decisiva para toda a humanidade, pelo menos, senão para todo o Cosmos.

Durante a época das perseguições, muitos acreditavam que os mártires, ao morrerem, iam diretamente para o céu, ganhavam a coroa da imortalidade e até se sentariam com Cristo no julgamento dos ímpios. Este tipo de fé – mais propriamente: este tipo de esperança – assumiu muitas formas na história do cristianismo.

Para as pessoas que vivem sob a opressão ou a perseguição, a esperança escatológica significou muitas vezes simplesmente a sensação dominante e radicalmente otimista de que a atual ordem intolerável das coisas estava prestes a terminar. Este sentido de crise, de desafio e de promessa, foi normalmente expresso pelos cristãos em imagens apocalípticas: expectativas dramáticas de violência cósmica que destruirão completamente o Mundo e as suas instituições e permitirão a Deus recomeçar uma Criação nova, salvando poderosamente os “Seus”.

Para as pessoas que viveram em tempos de tensão social ou económica, a esperança escatológica teve igualmente o significado ou uma convicção igualmente forte de que o mundo estava a “envelhecer”, a ficar sem recursos, a enfrentar o esgotamento interior, e uma confiança

semelhante de que o fim dos seus processos naturais significará o início de um novo Mundo e, para a humanidade, um novo começo.

Com o fim das perseguições no Império Romano, no reinado de Constantino I, os cristãos começaram a viver em períodos de maior segurança pública, de liberdade de competitividade individuais, e a esperança escatológica acabou a ser associada frequentemente a realidades muito diferente. A saber: uma doutrina ordenada das “últimas coisas”, uma expectativa pessoal de justiça e da retribuição finais, um desejo pessoal de descanso e satisfação numa nova vida que começará com a morte. Isto concretizou-se em diferentes módulos:

- Para o crente filosoficamente cultivado, a escatologia acaba a ser a expressão, em termos futuros, de pressupostos subjacentes sobre a verdadeira natureza da pessoa e da Criação.
- Para a pessoa intensamente religiosa – o asceta ou o místico – principiou a significar a confiança de que a união com Deus no conhecimento e/ou no amor, que já começa nesta vida atual de fé, será um dia consumada numa existência livre de todos os limites que a vida terrena impõe: uma união extática, de doação mútua entre Criador e criatura, para a qual a experiência religiosa desta vida só pode fornecer pistas e sombras.

Assim, com Constantino I, surgiram dois novos “tipos” de esperança:

- Havia a esperança, agora que o império era nominalmente cristão (mas não oficialmente como tal), de que em breve todas as pessoas seriam trazidas para o rebanho cristão. Em oposição a tudo isto, porém, havia um número crescente de monges (anacoretas, cenobitas e os especificamente monges) que pensavam que a Igreja se tinha tornado demasiado mundana; desse modo, procuraram uma vida de ascetismo, que esperavam ser o mais próximo possível, nesta vida, do estado celestial.
- Outro fator que afetou a natureza da esperança cristã primitiva era a diferença de opiniões quanto ao número de pessoas que acabariam por ser salvas. Para Orígenes, havia a esperança de que, em derradeira análise e após um processo cíclico com elos indefinidos, todas as pessoas – e até mesmo toda a Criação – seriam restauradas à sua intimidade e união originais com Deus; neste ponto, foi seguido por Gregório de Nissa e, em certa medida, por Gregório de Nazianzo. Uma voz dissidente deste universalismo primitivo geral foi Agostinho; apesar das suas muitas observações sobre a natureza da esperança, este autor afirmava que apenas as almas que tinham sido predestinadas para a glória seriam salvas; todas as outras estavam perdidas.

Na Igreja primitiva, o atraso da parusia teve um efeito palpável. Deu origem ao “quiliasmo”, ou “milénarismo”; quer dizer, a crença de que Cristo regressaria para um reinado de mil anos na terra. Embora inicialmente popular, o “quiliasmo” foi mais tarde rejeitado.

Qualquer que fosse a forma que a esperança cristã assumisse, comum às suas expressões variadas e muitas vezes contraditórias era a convicção sustentada de que o fundamento da esperança está, em última análise, em Deus. João Crisóstomo, mostrando bem a tensão entre o “agora” verdadeiro e o “vindouro” pleno, pergunta: «Qual é a esperança que nos é proposta? Apesar de vivermos ainda neste mundo, vivemos rodeados pelas promessas de Deus, pois pela esperança já estamos no céu» (*Homilias acerca da Carta aos Hebreus*, 11, 3).

É evidente que a compreensão que a Igreja primitiva tinha da esperança implícita na sua fé cresceu e mudou tão rapidamente como o resto da sua teologia. Um estudo abrangente dos documentos dessa fé, no entanto, sugere que o desenvolvimento dessa compreensão da esperança foi muito complexo e às vezes cíclico.

As ênfases na Igreja primitiva acerca da esperança variavam, as esperanças apocalípticas morriam e eram reavivadas, e as perspectivas individuais cósmicas, eclesiológicas ou místicas sucediam-se umas às outras, não tanto numa linha reta de desenvolvimento, mas em resposta aos desafios sociais e eclesiais enfrentados pelas comunidades cristãs em cada geração e local geográfico, e como resultado dos interesses teológicos pessoais e das lealdades teológicas de cada escritor a esta ou aquela corrente, pessoa, mecenas, etc..

No meio de tal mudança, o conteúdo do ensino escatológico era geralmente extraído de uma variedade de fontes:

- tradições bíblicas e apócrifas;
- crenças populares, semi-cristãs, sobre o destino da pessoa humana depois da morte;
- os mitos e as convicções fundamentadas da filosofia helenística;
- e uma boa dose de simples especulação.

Necessariamente, essa esperança cristã de um mundo com Deus foi expressa em imagens: o “material dos sonhos”, mais do que os produtos da observação. No entanto, estava enraizada – empiricamente, se levarmos a sério a experiência espiritual – no testemunho dos primeiros discípulos de Jesus que garantiram com toda a certeza histórica de que «o Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu» (*Lc.* 24,34), e na convicção dos seus ouvintes de que o Reino de Deus, cuja vinda Jesus tinha anunciado, tinha começado efetivamente a ser uma realidade transformadora do Mundo na vida nova e plenificada de Jesus.

Assim, a esperança cristã incluiu, entre outras coisas, a tentativa de construir uma teodiceia:

- uma justificação da fé em Deus;
- uma esperança na revelação final da ação sábia e amorosa de Deus ao longo da história, com o anseio de um ajuste de contas final.

Tudo isto é a conclusão lógica da doutrina bíblica da criação, na tentativa de prever o cumprimento do objetivo dessa mesma criação. Para o cristão, a escatologia é a etapa final da Cristologia, desde que seja concebida em termos históricos ou dinâmicos – desde que, por outras palavras, veja a pessoa de Jesus não apenas como a Palavra de Deus Incarnada, mas como a revelação «do que era desde o princípio» (1Jo. 1,1): O desígnio salvífico de Deus para toda a humanidade.

4.- A ESPERANÇA COMO VIRTUDE E VIRTUDE TEOLOGAL

4.1.- A ESPERANÇA COMO “VIRTUDE”

“Virtude” é um conceito que indica ou os bens que as pessoas justas e retas perseguem, ou as prerrogativas de que são dotadas e as qualidades virtuosas pelas quais fazem o bem.

Na tradição bíblica, todos os elementos que compõem o conceito de virtude se encontram em abundância. No entanto, o termo “virtude”, propriamente dito está quase ausente. No NT, encontra-se apenas em *Flp.* 4,8; *2Pd.* 1,5 e *1Pd* 2,9. O termo mais próximo é *dynamis*, que também é traduzido em latim, não por acaso, por *virtus* (que dará o nosso “virtude”): “força”; “ação”.

A situação muda com os Padres gregos e latinos. Eles usam o termo num sentido muito variado. Chamam à “virtude” o fruto do Espírito, as belas e boas obras dos crentes, sendo que os elementos que estruturam a virtude são:

- a virtude está ordenada para a ação.
- a virtude conaturaliza-se com o bem.
- a virtude é um estilo de procura e de fidelidade.

4.2.- A ESPERANÇA COMO “VIRTUDE TEOLOGAL”

A origem da tendência a isolar a “santa tríade” (expressão esta que vem de Clemente de Alexandria), mas o apresentá-la como «fruto e expressão da vida nova em Cristo» (2Cor. 5,16) remonta às origens da tradição cristã, sendo certamente anterior a Paulo.

No seu conjunto, qualificam e sintetizam as várias expressões do agir dos fiéis. A compreensão que a comunidade tem delas, o modo como são cultivadas, é um reflexo do conhecimento do projeto de Deus e do modo como apoiam as suas exigências na era salvífica inaugurada pela ressurreição de Jesus.

A tradição teológica, pelo menos a partir do século XIII, foi cada vez mais unânime em chamá-las de “virtudes teologais” e em valorizar o seu carácter unitário derivado do amor, a única virtude que, depois, se desenvolve de acordo com as necessidades de cada pessoa em cada circunstância. Pois bem, os elementos que caracterizam as virtudes teologais (as que surgem de Deus e se dirigemunicamente para Ele) reduzem-se substancialmente ao seguinte:

- são o reflexo da iniciativa salvífica de Deus; estão intimamente unidas à vida da graça e são infundidas por Deus nesta mesma graça;
- permitem conduzir ao caminho da santidade o povo que Deus reconcilia consigo em Jesus Cristo e que, no Espírito, inicia à plena conformação na glória;
- o seu dinamismo é ilustrado e guiado pela revelação e qualificado pela compreensão que a comunidade crente tem destas virtudes sob a direção do Espírito (*Jo. 14,26*).

As virtudes teologais são o contexto e o vértice desta novidade complexa. São prerrogativas dos indivíduos, porque são prerrogativas do Povo em que essas pessoas vivem, do qual são concidadãos e em cuja comunhão se animam.

Viver teologicamente é obedecer livre e amorosamente ao Espírito, é assentir a Ele, que, com as Suas intervenções, faz com que os indivíduos e os povos, na diversidade das suas condições e nas várias fases da história, vivam em união com Deus-Trindade. É isto que, de facto, eles permitem: viver numa relação consciente com Deus.

Este contexto é pessoal e personalizante, mas nem sempre envolve a atividade das três virtudes; constata, no entanto, que a união na no amor e no amor-caridade cresce no contexto da fé e da esperança. Ora vejamos alguns aspectos:

- o aspeto teológico é fruto do nosso “sim” a Deus-Trindade; é alimentado pelo consenso e pela criatividade amorosa;
- converte a pessoa nos seus dinamismos cognitivos, afetivos e operativos; levando-nos a personalizar as relações que nas nossas exigências concretas variam segundo as formas de vida, as fases da vida e as fases da própria história da salvação em nós;
- concretiza-se no esvaziamento das atitudes egoístas e idólatras; torna dócil o reconhecer-se originário, atraído e vivente de Deus-Amo;
- permite-nos permanecer na missão dada pela Trindade para planejar, realizar e verificar o caminho para a plena manifestação da glória (cf. *Rm. 8,19*), quando Deus será *tudo e todos* em todos (*1Cor. 15,28*).

5.- A ESPERANÇA NA VIDA ESPIRITUAL DO CRENTE ANTE DEUS-TRINDADE (DEUS-AMOR) E OS DEMAIS

O carácter escatológico da esperança cristã pode, e deve, atuar como elemento separador entre as “boas” e as “más” esperanças, entre as esperanças “humanizadoras” e as esperanças que são, no mínimo, “desumanizadoras”.

Atuará com a sua reserva permanente contra qualquer tentativa de reduzir a esperança aos limites das construções históricas meramente humanas. Introduzirá em toda a realização humana uma inquietação, o agulhão da memória da comunhão a que se aspira, que reduzirá sempre ao provisório e ao penúltimo todo o projeto e toda a *utopia* (ou *atopia*).

Deste ponto de vista, a autêntica esperança cristã traz consigo uma revolução permanente contra a realidade desumana. É uma manifestação do Espírito que não cessa enquanto não conduzir, por nós seres humanos, toda a realidade para o seio da Trindade. Uma tal esperança é um antídoto contra as “más” esperanças, contra as ideologias da esperança que tendem a cristalizar-se e a resignar-se perante a realidade da desumanidade:

- tendem a cristalizar-se e a resignar-se a realizações parciais,
- ou provocam a loucura terrorista, totalitária ou autoritária ao desesperar da sua realização.

Por outras palavras, combate tanto a presunção de realização e as legitimações do *status quo*, como a falta de perseverança e de firmeza de ânimo dos medrosos e resignados perante a realidade. A esperança conhece a alegria do futuro prometido, mas vive na tensão entre esse “fim último” já verdadeiro, mas “ainda não pleno”; da comunidade trinitária e as contras-esperanças do presente.

Sempre fiel ao Mundo e aos condenados deste Mundo por causa do futuro trinitário que lhe foi prometido na ressurreição de Jesus Cristo, o cristão sabe que participa na obra da Trindade, nas suas lutas pela justiça e pela solidariedade no presente.

Sabemos, deveras, que a vida em relação ao Deus Uno e Trino é possível graças às virtudes teológicas. A experiência religiosa cristã está repleta de uma esperança que aponta para possibilidades para o ser humano e para toda a realidade.

Toda a realidade é revelada como abraçada pelo dinamismo trinitário. A imagem paulina de uma criação expetante é perfeitamente adequada para evocar o fundo último das aspirações que atravessam a Criação. Há uma espécie de latência que abre o criado para um horizonte de profundidade acolhedora e amorosa que muitos espíritos sensíveis de hoje e de ontem captaram na riqueza quase inesgotável da Criação, mesmo que a tenham exprimido de formas muito diferentes e até contraditórias.

E estas expectativas adquirem uma lucidez sombria na reflexividade humana. O ser humano, na sua fragilidade, descobre uma inquietação permanente em direção a algo que ultrapassa toda a realização e posse. Uma experiência de abertura que se torna «uma paixão pelo possível» (Kierkegaard). Assim, o ser humano manifesta-se assim incuravelmente utópico; estendido para o que o ultrapassa absolutamente, nostálgico de algo totalmente outro. Esta paixão pode ser julgada:

- inútil (Sartre),
- mas também uma orientação fundamental do ser humano que não pode ser frustrada (Kant).

Se, por desconfiança do futuro intra-mundano, os cristãos procuram Deus na sua esperança, não podem surpreender-se com o facto de outros organizarem o futuro intra-mundano sem Deus. Atualmente, encontramos um ateísmo generalizado por causa do pessimismo e/ou revolta face ao ser humano e do seu futuro. Isso conduziu ao “grande cisma” do mundo moderno, ao cisma entre a religião e a revolução, entre a Igreja e o iluminismo, entre a fé em Deus e a aspiração ao futuro, entre a certeza da salvação e a responsabilidade pelo mundo, criando, quando muito, um triste, dramático e desesperado humanismo ateu.

Exemplo disso é Ernst Bloch, que considera o “princípio da esperança” como o motor de toda a iniciativa humana. O seu interesse está centrado na criação do novo, do que nunca existiu, do que antes era apenas objeto de sonhos humanos (contidos também nas religiões).

Para ele, não é o passado mas o futuro que decide em primeiro lugar o presente, no qual se abrem os germes e as tendências para o futuro. O ser humano deve entregar-se ao movimento do presente e desenvolvê-lo.

No entanto, podemos perguntar a Bloch, e a todos os humanistas ateus que sonham com futuros sem Deus, se a sua teoria é capaz de nos fazer compreender o que é realmente novo no futuro, se na sua visão o futuro não é um mero desenvolvimento do que já está germinalmente estabelecido, se ele não o aplica apenas em relação à humanidade como um todo, mas não em relação ao indivíduo. Não é Deus, que está sempre em potência perante o mundo, o único garante do futuro real, do que é novo para o ser humano e para a humanidade?

E, de facto, o crente descobre, no dinamismo de avançar a partir do passado e do presente na companhia de Deus, a confirmação da presença do Absoluto amoroso trinitário de que ainda não chegámos a participar plenamente embora já participemos verdadeiramente, pois já chegou até nós e o Espírito do Ressuscitado que dá testemunho contínuo em toda a realidade. Assim, a esperança é a força de aguardar de Deus todos os auxílios de que precisamos para chegar a Ele.

A esperança revela assim o mistério que está no coração do ser humano e da própria realidade. Assim, a plena espiritualidade e realização humanas são descobertas como entrega prática a esta virtude teologal da esperança: doação existencial à tarefa trinitária de trazer este mundo de injustiça e de falta de solidariedade para a comunidade perfeita, a comunidade trinitária. Assim, a esperança cristã, a que podemos chamar de salvação, é finalmente viver com um amor totalmente despojado de todo o egoísmo; é a esperança de amar como Deus ama. A nossa esperança não é sermos felizes, mas podermos finalmente amar puramente, sem qualquer mistura de egoísmo, sem a mais pequena retirada para dentro de nós próprios e isso acarreta indiretamente consigo dita felicidade. A esperança é amor, porque o amor é a única virtude, mas o amor é também esperança pelo eco que desperta., numa síntese comovente entre “ter” e “aguardar”.

6.- A ESPERANÇA NO CONCRETO DA VIDA ESPIRITUAL

Recordemos: A esperança cristã provém da morte e da ressurreição de Jesus. Devemos agarrar-nos a esta esperança a todo o custo, porque é através dela que partilhamos a vitória final do amor de Jesus. A esperança é como uma mão que nos agarra, ou como um vento que nos empurra na direção certa.

Se é verdade que nada neste mundo nos dá verdadeira esperança, também é verdade que este mundo não nos deve tirar a esperança. Em suma, não devemos renunciar à nossa esperança dada por Deus por nada do que experimentamos neste mundo. A esperança é para sempre no aquém “morte biológica” e, porque não espera nada do momento, entrega as fontes do ser, transborda todas as expectativas e pode tornar-se uma fonte “milagrosa”.

Então, até que ponto está viva a nossa esperança hoje? Estamos realmente a manter a nossa esperança hoje? Há cinco sinais de que a nossa esperança está verdadeiramente viva:

- se a nossa esperança estiver viva, teremos um desejo forte e persistente da vida com Deus. Não viveremos a nossa vida apenas para o momento presente, com os seus prazeres e sucessos fugazes. Enfrentaremos as provações da vida com paciência, sabendo que «os sofrimentos do tempo presente nada são comparados com a glória que em nós há-de ser revelada». (*Rm.* 8,18) Não nos deixaremos levar pela corrente do consumismo, mas investiremos os nossos tesouros para nos tornarmos «ricos naquilo que é importante para Deus» (*Lc.* 12,21). Renunciaremos à mentalidade hedonista do nosso tempo e exerceremos o domínio de nós próprios para «correr para ganhar a corrida» (*1Cor.* 9,24);

- se a nossa esperança estiver viva, teremos uma confiança inabalável de que Deus nos dará todas as graças de que precisamos para Lhe sermos fiéis agora em todos os nossos compromissos. Não podemos ser fiéis aos nossos compromissos apenas com as nossas próprias forças e resoluções. Respondemos ao extraordinário apelo de Jesus para sermos santos, confiando nas graças que Ele certamente nos concederá. Confiamos em Deus porque sabemos que Ele não nos pode chamar a fazer algo que a Sua graça não possa realizar em nós: «porque Deus opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade» (*Flp.* 2,13);
- se a nossa esperança estiver viva, rezaremos sem cessar. Por vezes, dizemos que não rezamos porque não temos tempo para rezar, ou porque achamos a oração aborrecida ou inútil. Mas a verdade é que não rezamos porque a nossa esperança está morta. A nossa fome de Deus diminuiu e não desejamos realmente ser-Lhe fiéis na nossa vida quotidiana. Não temos o desejo de crescer em santidade e no nosso amor a Deus e ao próximo. Uma vida de oração viva é sinal de uma esperança forte;
- se a nossa esperança estiver viva, seremos pessoas de alegria interior (que não elimina um certo humor, sobretudo acerca de nós mesmos). A esperança da vida eterna e a certeza de que Deus nos dará todas as graças necessárias para a alcançarmos enchem-nos de uma esperança que persiste mesmo nas provações da vida. Jesus garante-nos esta esperança alegre da comunhão com Ele: «a minha alegria estará em vós e a vossa alegria será completa» (*Jo.* 15,11) Uma vida sem verdadeira alegria interior é uma vida desprovida de toda a esperança cristã;
- se a nossa esperança estiver viva, seremos diligentes nos deveres da nossa forma de vida e nos nossos compromissos cristãos. Uma esperança imatura manifesta-se na negligência dos nossos deveres e compromissos quotidianos. Somos preguiçosos, procrastinamos e somos descuidados quando perdemos a esperança. Não temos energia para uma vida cristã fervorosa. Fugimos aos deveres da evangelização e arranjamus muitas desculpas para não cumprir os deveres do amor. Essa negligência dos deveres é o ponto culminante de uma esperança morta.

Vivemos atualmente em tempos muito difíceis e desafiantes, mas isto não é motivo para desânimos! Tanta violência, catástrofes naturais e humanas, corrupção e caos. As coisas nem sequer parecem melhores na Igreja. Na nossa vida pessoal, temos a batalha constante com o nosso egoísmo e com o egoísmo que nos rodeia, nos relacionamentos, no

trabalho, etc. É de facto uma loucura depositar qualquer esperança real em qualquer coisa ou pessoa deste Mundo.

A esperança cristã nunca deve ser fraca ou tímida, porque, como qualquer amigo, sabemos que Deus deseja a nossa realização plena e procura o que é melhor para nós, mas o bem que Deus quer para nós é o mais rico e o mais gratificante de todos; ou seja: Ele mesmo e a vida eterna com Ele. Os cristãos nunca devem ser outra coisa senão corajosos e ousados com a ajuda da esperança, porque sabem que Deus é tanto o objeto da nossa esperança como o meio de a alcançar.

Em “*Salvos na Esperança*” (“*Spe Salvi*”), a sua encíclica de 2007 sobre a esperança que veremos a seguir, o Papa Bento XVI escreveu: «Quem tem esperança vive de modo diferente; a quem espera foi concedido o dom de uma vida nova» (n.º 2). Estas palavras recordam-nos que a esperança não é uma emoção passageira, muito menos uma atitude que se desvanece quando a vida se torna difícil, mas uma atitude resiliente perante a vida marcada pela confiança, segurança e perseverança.

Viver na esperança é não querer para nós nada menos do que aquilo que Deus quer para nós. Porque Deus é por nós e quer o nosso bem, não temos de ser ansiosos e medrosos, calculistas e cautelosos. Mais:

- temos tempo para amar o nosso próximo;
- temos tempo para sermos misericordiosos e compassivos, pacientes e generosos;
- temos tempo para escutar e estar presentes, tempo para encorajar e apoiar, porque sabemos, graças à vida, morte e ressurreição de Jesus, que o que o amor de Deus prevê para nós se realizará. A esperança liberta-nos do fardo intolerável de pensar que tanta coisa depende de nós que nos tornamos alheios às bênçãos que nos rodeiam e, especialmente, à forma como todos os dias Deus nos chama a sair de nós próprios para atrair os outros mais plenamente para a vida através da nossa bondade e benevolência.

Ou seja: Para os cristãos, a esperança é uma forma de vida nova e abundantemente promissora, caracterizada por:

- alegria e ação de graças,
- serviço e generosidade,
- hospitalidade e celebração e até a maravilhosa liberdade de falhar.

Isto tudo “é muito bonito”, mas como é que poderemos, na prática, cultivar e praticar a esperança? A esperança é um dom de Deus para nós. Mas, porque é uma virtude, é um dom que tem de ser cultivado, alimentado e praticado para que não murche e morra. Onde surge a questão: como podemos reforçar a esperança que Deus nos confiou?

- em primeiro lugar, a esperança alimenta-se e fortalece-se através da Eucaristia, porque ela nos forma como pessoas agradecidas,

peças cuja atitude perante a vida é marcada pela ação de graças e pelo louvor. A Eucaristia pode ser justamente qualificada como o grande sacramento da esperança;

- depois um segundo e derradeiro ponto: a esperança cresce mais profundamente em nós quando nos comprometemos a ser ministros da esperança para os outros. A esperança cresce quando é partilhada, floresce quando é dada. Em “*Salvos na Esperança*” (“*Spe Salvi*”), o Papa Bento XVI disse: «toda a ação séria e recta do homem é esperança em ato» (n.º 35). É por isso que podemos ser ministros da esperança todos os dias, nas circunstâncias normais da nossa vida.

Sabemos que o Papa Francisco convocou um ano jubilar ordinário dedicado ao tema da esperança. Mesmo sem aprofundarmos minimamente o presente na bula de anúncio desse evento, podemos aqui, e antes de irmos ao estudo da “*Salvos na Esperança*” (“*Spe Salvi*”), deixar no ar algumas citações dessa bula “*A esperança não engana*” (“*Spes no confundit*”) que são significativos para nós.

Assim, e complementando o que já vimos anteriormente, sua Santidade apresenta entre o n.º 7 e o n.º 15 dessa bula os seguintes “sinais da esperança” que devíamos refletir com cuidado à luz do dito anteriormente:

- «além de beber a esperança na graça de Deus, somos também chamados a descobri-la nos *sinais dos tempos*, que o Senhor oferece» (n.º 7);
- «que o primeiro sinal de esperança se traduza em *paz* para o mundo» (n.º 8);
- «olhar para o futuro com esperança equivale a ter também *uma visão da vida carregada de entusiasmo para transmitir [essa vida]*» (n.º 9);
- «no Ano Jubilar, seremos chamados a ser sinais palpáveis de esperança para muitos irmãos e irmãs que vivem em condições de dificuldade. Penso nos *presos* que, privados de liberdade, além da dureza da reclusão, experimentam dia a dia o vazio afetivo, as restrições impostas e, em não poucos casos, a falta de respeito» (n.º 10);
- «sinais de esperança hão de ser oferecidos aos *doentes*, que se encontram em casa ou no hospital. Que os seus sofrimentos encontrem alívio na proximidade de pessoas que os visitem e no carinho que recebem! As obras de misericórdia são também obras de esperança, que despertam nos corações sentimentos de gratidão. E que a gratidão chegue a todos os *profissionais de saúde* que, em condições tantas vezes difíceis, desempenham a

sua missão com solícito cuidado pelas pessoas doentes e mais frágeis.» (n.º 11);

- «de sinais de esperança também têm necessidade aqueles que, em si mesmos, a representam: os *jovens*. Muitas vezes, infelizmente, veem desmoronar-se os seus sonhos. Não os podemos decepcionar: o futuro funda-se no seu entusiasmo» (n.º 12);
- «não poderão faltar sinais de esperança em relação aos *migrantes*, que deixam a sua terra à procura duma vida melhor para si próprios e suas famílias. Que as suas expectativas não sejam frustradas por preconceitos e isolamentos! Ao acolhimento, que no respeito pela sua dignidade abre os braços a cada um deles, junte-se a responsabilidade, de modo que a ninguém seja negado o direito de construir um futuro melhor. (...) Possa a comunidade cristã estar sempre pronta a defender os direitos dos mais débeis» (n.º 13);
- «sinais de esperança merecem-nos os *idosos*, que muitas vezes experimentam a solidão e o sentimento de abandono. Valorizar o tesouro que eles são, a sua experiência de vida, a sabedoria que trazem consigo e o contributo que podem dar» (n.º 14);
- «e sentidamente, invoco a esperança para os milhares de milhões de *pobres*, a quem muitas vezes falta o necessário para viver. Face à sucessão de renovadas vagas de empobrecimento, corre-se o risco de nos habituarmos e resignarmos» (n.º 15).

7.- A ESPERANÇA NA ENCÍCLICA “*SPE SALVI*”

A encíclica papal “*Spe Salvi*” (“*Salvos na esperança*”) foi publicada a 30 de novembro de 2007. Este documento centra-se na realização da esperança, da esperança cristã, precisamente no mundo contemporâneo de hoje.

No meio das muitas ondas da globalização, da modernidade, do cientificismo e de toda uma cultura do individualismo, o Papa Bento XVI aborda algumas questões centrais que são ainda mais relevantes e importantes para nós, cristãos, que lutamos diariamente quando nos encontrarmos no meio destas ondas numa Igreja-Barca que, às vezes, parece deixar muito a desejar. O objetivo é que, no final, se arranquem as ervas daninhas que crescem nas pessoas e se prepare o terreno para que o pão integral «para o corpo e o espírito» (n.º 15).

Passaremos, agora, a apresentar o documento numa abordagem temática:

- A FÉ, DECORRENTE DO AMOR, É ESPERANÇA, TAMBÉM ESTA DECORRENTE DO AMOR: os primeiros seis capítulos da “*Spe Salvi*” (“*Salvos na esperança*”) de são de natureza teológica,

mas recorrem frequentemente a exemplos históricos para realçar as aplicações à vida quotidiana. O Papa Bento XVI descreve a esperança cristã como transformadora, porque oferece a certeza de que «a vida não terminará no vazio» (n.º 2). A base sólida da nossa esperança é a nossa fé em Deus. Porque conhecemos Deus, podemos ter esperança e descansar seguros no conhecimento de que, como cristãos, «temos um futuro» (n.º 2). Embora não conheçamos os pormenores, sabemos que a vida eterna com Deus nos espera depois da morte;

- A SALVAÇÃO E A ESPERANÇA NO FUTURO: a salvação é-nos oferecida, diz o Papa, «no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho» (n.º 1). «O Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova» (n.º 2). «A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova» (n.º 2). «Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança» (n.º 3);
- A SINGULARIDADE DA MENSAGEM DE CRISTO: Bento XVI recorda-nos que Jesus não trouxe «uma mensagem de revolução social» (n.º 2) como Espártaco, «não era um guerreiro em luta por uma libertação política, como Barrabás ou Bar-Kochba» (n.º 4). O que Jesus trouxe foi «aquilo que Jesus – Ele mesmo morto na cruz – tinha trazido era algo de totalmente distinto: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos da escravatura e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo (...) Apesar de as estruturas externas permanecerem as mesmas, isto transformava a sociedade a partir de dentro» (n.º 4). Cristo tornou-nos verdadeiramente livres: «e se conhecemos esta Pessoa e Ela nos conhece, então verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixámos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres (...) [e] a vida não é um simples produto das leis e da casualidade da matéria» (n.º 5). Somos livres porque «o

céu não está vazio» (n.º 5), porque Deus é o Senhor do Universo, que «em Jesus se revelou como Amor» (n.º 5).

- O CARÁCTER INDISPENSÁVEL DE DEUS: O objetivo último da nossa esperança: Seguindo a análise do Papa Bento XVI sobre as falsas promessas do pensamento científico, filosófico e político moderno, podemos «dizer muito simplesmente: o homem precisa de Deus; caso contrário, fica sem esperança» (n.º 23). «O homem nunca pode ser redimido simplesmente por fora (...) o homem é redimido pelo amor» (n.º 25s), um amor incondicional e absoluto: «a grande e verdadeira esperança do homem, que se mantém firme apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – Deus que nos amou e que continua a amar-nos ‘até ao fim’, até que tudo ‘esteja consumado’» (n.º 27).

O Papa prossegue de seguida indicando alguns ambientes nos quais podemos aprender sobre a esperança e praticá-la:

- a primeira é a oração: «Quando já ninguém me ouve, Deus continua a ouvir-me. Quando já não há ninguém para me ajudar, ele pode ajudar-me» (n.º 27).
- Juntamente com a oração, Bento XVI elenca as ações de serviço aos outros: «a esperança no sentido cristão é sempre esperança também para os outros. É uma esperança ativa em que lutamos (...) por um mundo mais luminoso e mais humano» (n.º 34s). Só se eu souber «que a minha própria vida e a história em geral são sustentadas pela força indestrutível do Amor» (n.º 35) é que posso esperar.

Superando esta apresentação temática estruturante, há ainda alguns denominadores que atravessam todo o documento:

- a verdade não é um limite à liberdade, mas a condição para que a liberdade atinja o seu verdadeiro potencial;
- a razão e a fé precisam uma da outra - a fé sem razão torna-se extremismo, enquanto a razão sem fé leva ao desespero;
- os perigos do mito moderno do progresso, nascido na nova ciência do século XVI e aplicado à política através da Revolução Francesa e do marxismo;
- a impossibilidade de construir uma ordem social justa sem referência a Deus;
- a urgência de separar a escatologia, o anseio por um “novo céu e uma nova terra”, da política deste mundo;
- a verdade objetiva como o único limite real à ideologia e à vontade cega de poder.

Anexo 1: Noção de espiritualidade em sentido subjetivo

De uma forma sintética, podemos dizer que a espiritualidade (cristã), em sentido subjetivo, é:

a vida comum vivida em sintonia com a vida e os dinamismos de amor do Espírito Santo, o Qual, com a nossa colaboração, nos configura com Jesus Cristo e, com Este e em Igreja, nos orienta, de modo missionariamente messiânico, para a o Pai.

Clarificando o nexpresso anteriormente:

- 1) *vida comum*: trata-se de toda a vida quotidiana de um baptizado em todos os tempos da sua existência e em todas as suas expressões;
- 2) *vida e dinamismos de amor do Espírito Santo*: é necessário que o Espírito seja uma Pessoa viva e activa, pelo amor que Ele é, na nossa vida; para isso precisamos de:
 - a) conhecê-Lo experiencialmente de modo análogo à forma como conhecemos outra pessoa;
 - b) saber, de modo vital, o que é o amor verdadeiro, maximamente revelado por Jesus enquanto encarnação do Deus-Amor.
- 3) *sintonia*: não basta conhecer ao Espírito e ao (Seu) amor; é preciso que sejamos capazes de discernir os Seus movimentos em nós e sermos dóceis aos mesmos, donde a importância do discernimento é fundamental;
- 4) *nossa colaboração*: o Espírito, enquanto Deus-Amor que é, nada faz em nós sem a nossa autorização, donde devemos colaborar ativamente com o Mesmo mediante uma série de realidades: orar (e rezar); prática sacramental; acompanhamento espiritual; aquisição de virtudes (pelo desejo das mesmas e sua exercitação); contacto com a Bíblia; leitura e visualização espiritual; peregrinações; etc.;
- 5) *configura com Jesus*: progressivamente, o nosso coração adquirirá a figura do coração de Jesus, verdadeiro Homem e verdadeiro Deus, e encetaremos um caminho de humanização e divinização (amorização) em que os nossos afetos e o nosso querer se assemelharão, tanto quanto possível, aos d'Ele;
- 6) *com Jesus*: também necessitamos de, à semelhança do que foi dito acerca do Espírito Santo, conhecer experiencial e pessoalmente a Jesus, não como uma ideia ou uma teoria, mas como Alguém vivo e transformante em nós, encetando um processo de seguimento que nunca é “barato” (pois tal como a Ele, custará a nossa “vida”) nem “fácil”, nem “rápido”;
- 7) *em Igreja*: é na comunhão da comunidade da Igreja, na convocada para formar uma assembleia (em que no essencial há unidade, no acessório

compreensão e em tudo amor), que vivemos o Deus-Amor que, sendo comunidade e comunhão de Vida, escolheu à mesma como o meio por Si mais querido para vir até nós;

- 8) *missionariamente*: ser cristão é ser, imediatamente, alguém que tem que viver em estado de missão, em saída de si (estado de demissão) para ir até quem ainda não conhece tematicamente a Jesus;
- 9) *messiânico*: o ser-se missionário deve ser pautado pelo se optar por meios e estratégias idênticas às escolhidas por Aquele para viver a sua identidade de Messias: a *recusa* da riqueza, do poder e do prestígio (ou, pelo inverso, a *escolha* da pobreza, da humildade e da dependência), tudo na linha de um não se deixar seduzir, em nenhuma dessa eleições (e inerentes recusas), pelo “barato”, “fácil” e “rápido”.

Trata-se, assim e respetivamente, da recusa consequente das “estratégias” de *marketing*, política e psicologia, postuladas pelos três Grandes Mestres da Suspeita (grandes divulgadores do estoicismo hedonista do iluminismo e pós-iluminismo, seja este o ante- ou o pós-moderno ou, até já, neo-moderno):

- Marx (e a “economania”, num problema com o propósito geral da vida, no que, entrando na Igreja, leva a espiritualidades “éticas”);
- Nietzsche (e a “egomania” num problema com harmonia íntima do sujeito, no que, entrando na Igreja, leva a espiritualidades de “auto-realização”);
- e Freud (e a “erotomania” num problema com a harmonia entre sujeitos, no que, entrando na Igreja, leva a espiritualidades de “emocionalidade”).

O carácter *messiânico* é marcado de demarcado igualmente pelas “bem-aventuranças” que são como o “mapa” para a verdadeira humanidade cristificada e, assim para a genuína alegria humana.

E isto, até porque elas, ao serem uma Auto-narração de Jesus em Cruz (de morte e ressurreição), são um conjunto de desdobramentos existenciais das opções messiânicas de Jesus, e, por conseguinte, são o modo por excelência de se fazer a “experiência de Jesus” e, assim, de se aferir se se é de veras cristão.

De facto, Jesus não só anunciou-as, mas fê-lo sendo-as, convertendo-Se na norma do encontro amoroso com o outro.

- 10) *Pai*: o Pai, enquanto fonte fundamental de toda a vida Divina do Deus que só é Amor, é a origem e a meta da nossa existência humana e cristã: para Ele convergimos, trazendo connosco toda a Criação, que espera de nós a adoração enamorada e a obediência filial ao Mesmo, que podem ser traduzidas pelas atitudes contínuas de “obrigado” e “perdão” que não podem senão levar, respetivamente, “à adoração” e “ao serviço”.